

O PARADIGMA EMERGENTE E O SER DE PROBABILIDADES

Stella Maris Souza Marques¹

Stenio Souza Marques²

RESUMO

Este trabalho surgiu do desassossego ao ouvir que temas que abordam espiritualidade não são científicos e, portanto, não há relevância no meio acadêmico. A partir de uma urgência pessoal em discordar de tal afirmação, o estudo se inicia com indagações: o que é científico? O que é ciência? Há outros saberes negligenciados e marginalizados que podem contribuir para compreender o ser humano de modo integral, multidimensional e constituído de possibilidades? E, até que ponto as ciências necessitam desses outros saberes para que os mesmos não sejam aleijados? Nesta perspectiva, pesquisadores questionaram, levantaram hipóteses e buscaram resultados de diversas formas. Alguns foram atrás de respostas através de investigações detalhadas e outros contribuíram com a ruptura de velhos paradigmas. A respeito do científico e do ser humano, descobriram que o conhecimento não se encerra e não se limita, bem como que as certezas científicas são probabilidades. Momentaneamente concluíram a ausência de respostas e a presença de limites nas ciências em geral. Tais limites são os pilares do Paradigma Emergente, com diversos representantes, cuja temática é discorrida no presente artigo com o objetivo de informar que há outros caminhos que os conhecimentos podem percorrer.

Palavras-chave: Probabilidades. Paradigma Emergente. Ciência e não ciência.

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pesquisadora PIBIC.

² Advogado. Graduado em Direito pela FEIT/UEMG. Mestrando em Educação pela Universidade de Uberaba –UNIUBE.

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu do desassossego ao ouvir que temas que abordam espiritualidade não são científicos e, portanto, não há relevância no meio acadêmico. A partir de uma urgência pessoal em discordar de tal afirmação, o estudo se inicia com indagações: o que é científico? O que é ciência? Há outros saberes negligenciados e marginalizados que podem contribuir para compreender o ser humano de modo integral, multidimensional e constituído de possibilidades? E, até que ponto as ciências necessitam desses outros saberes para que os mesmos não sejam aleijados?

A partir de estudos e reflexões, nota-se que as ciências e os saberes tidos como científicos respondem até certo ponto. E quando respondem, infelizmente, há uma aridez em suas respostas justamente por negligenciar outros saberes. Faltam-nos meios mais eficazes para fazer brotar o diálogo respeitoso e consciente entre diversas instâncias do conhecimento, instâncias estas consideradas científicas e não científicas.

Por considerar que já é hora de transgredir, transpassar as curvas e desmistificar o oculto, o objetivo do presente estudo é (des)inventar algumas ideias, preservar outras e construir algumas através de uma transmutação do olhar e de uma consciência cósmica. Busca-se um olhar mais apurado da realidade através de uma conexão entre alguns saberes e conhecimentos usando o referencial bibliográfico disponível.

Neste sentido, Rubem Alves (2011) defende que “o importante na conversa são os pensamentos que ela provoca e não as conclusões a que se chega” (p. 29). Portanto, há a pretensão de que seja um ‘diálogo’ de alma para alma e que evitemos as conclusões precipitadas. Faço as palavras do autor (2011) as minhas:

A verdade que, vez por outra, eu uso as palavras como ferramentas, por vezes como diapasão, para testar a afinação, às vezes como fogo, havendo alguns que chegaram a me acusar de incendiário, como martelos e marretas, para destruir, e até mesmo como pimenta [...] Mas se faço isso, eu o faço da mesma forma que o cozinheiro usa a faca e os fogos, da mesma forma que o escultor usa o martelo e o cinzel, da mesma forma que o jardineiro usa as cavadeiras e as enxadas, da mesma forma que o parteiro usa o fórceps: para que uma coisa nova, bela e alegre possa nascer. Todo criador tem de ser um destruidor.

O objetivo, portanto, não é apenas criticar a falta de cientificidade da ciência, porém informar que há outros caminhos que os conhecimentos podem percorrer, como também há uma nova física que se coloca no seu devido lugar ao admitir o leque de possibilidades e probabilidades

da vida, nos informando um pouco acerca de seus mistérios.

Assim, é necessário que haja mais investigações, pesquisas e reflexões sobre as ciências atuais e as não ciências. Além de mais estudos acerca da complexidade da vida para melhor compreendermos a nossa existência em relação aos cosmos.

DESENVOLVIMENTO

O que é a verdade? O que sabemos e não sabemos acerca dos (des)limites de nossa natureza íntima? Aliás, conhecemos as múltiplas verdades e probabilidades no decorrer de nossa fugaz existência? Percebemos, saboreamos e/ou ouvimos falar sobre tais verdades e possibilidades? O que vemos? Por que vemos como vemos? Quais experiências medeiam a construção do nosso olhar? Nosso olhar nasce pronto para o mundo? Temos olhos de ver ou ainda somos cegos sem precisar ser? Nessa maré de indagações sobre modos diversos de ser e ver, Antoine de Saint-Exupéry (1981) nos convida ao mergulho através de sua poesia:

As pessoas veem as estrelas de maneira diferente. Para aqueles que viajam, as estrelas são guias. Para outros, elas não passam de pequenas luzes. Para os sábios, elas são problemas... Mas todas essas estrelas se calam. Tu, porém, terás estrelas como ninguém nunca as teve... Quando olhares o céu de noite, eu estarei habitando uma delas, e de lá estarei rindo; então será, para ti, como se todas as estrelas rissem! Dessa forma, tu, somente tu, terás estrelas que sabem rir!

Foi assim que tudo começou: através de mergulhos e modos de ver diversificados. A partir de uma coceira, um incômodo, inúmeros cientistas sentiram na pele o desassossego epistêmico, espiritual e existencial. Gênios, poetas, curiosos, pesquisadores, entre tantos outros, questionaram, levantaram hipóteses, buscaram resultados de diversas formas, seja através da arte, da ciência, do misticismo ou da filosofia. E, na busca do conhecimento acerca do ser humano e do néctar da vida, descobriram que o conhecimento não se encerra e não se limita. Alguns foram atrás de respostas através de investigações detalhadas e outros contribuíram com a ruptura de velhos paradigmas. Descobriram que as certezas científicas são probabilidades e perceberam que a ciência clássica e sua cientificidade tentam enquadrar a circularidade, a complexidade e as riquezas humanas. Concluíram momentaneamente a ausência de respostas e a presença de limites nas ciências em geral.

Neste panorama, sobre os limites da ciência e suas investigações, há um impasse entre o científico e o não científico, como se alguns saberes não carregassem em si validade e fidedignidade necessárias. E assim nos esquecemos de que a falta de recursos para comprovar determinados

fenômenos marginalizados não significa necessariamente a não ocorrência dos mesmos. Num sentido mais profundo, Alves (2011) se explica a nós:

Minha escritura não é científica. A escritura científica busca a verdade. Mas a verdade, para ser verdade, tem de ser comível por todos, independentemente do gosto. O seu gosto não importa. Importa apenas a substância. Temperos são proibidos num texto científico. A ciência dispensa o processo de degustação. Degustação é coisa da sapiência.

O fato é que o tempo passa e o novo emerge, mas elementos dos velhos paradigmas permanecem, como a busca desenfreada pelo saber científico e o conhecimento, em vez de se buscar a sapiência, a sabedoria. Indagações escorrem: será que todos os cientistas são unânimes no seu pensamento? Será que sabemos das descobertas científicas? Sabemos aplicá-las ao nosso cotidiano? Aliás, como transmutar conhecimento em sabedoria? Como relacionar os seres humanos com a ciência e a não ciência em diversos âmbitos e instituições? Como nasce o diálogo entre ciência e poesia, ciência e espiritualidade e/ou ciência e não ciência?

Dentro do tema, o físico Werner Heisenberg (apud WYNN & WIGGINS, 2002) indaga acerca das certezas incertas e oferece-nos uma parcela de seu pensamento pelo título de “Princípio da Incerteza”. Em síntese é possível afirmar que há limites para o que pode ser observado, bem como limites que não dependem do método de observação, sendo inerentes à natureza da própria matéria.

A questão levantada implica em um novo pressuposto do paradigma emergente (contrário ao paradigma tradicional): a intersubjetividade. Isto quer dizer que por mais que os cientistas façam uso do rigor e da precisão, revela-se por meio de sua descoberta a impossibilidade da objetividade, a não certeza de chegar-se à verdade e à realidade dos fatos e fenômenos. Isso acaba por indicar que rigor, precisão e mensuração não garantem científicidade e verdades absolutas.

Além do conceito de Heisenberg, Brillouin (1959), em sintonia, “demonstra que a informação não é gratuita” (p. 122), dado que Boaventura de Souza Santos (2008) facilita o nosso entendimento ao explicar que “qualquer observação efetuada sobre um sistema físico aumenta a entropia do sistema no laboratório. O rendimento de uma dada experiência deve assim ser definido pela relação entre a informação obtida e o aumento concomitante da entropia”. Em outras palavras, “segundo Brillouin, esse rendimento é sempre inferior à unidade e só em casos raros é próximo dela. Nestes termos, a experiência rigorosa é irrealizável, pois que exigiria um dispêndio infinito de actividades humanas”. Portanto, “a precisão é limitada” (apud SANTOS, 2008, p. 55).

Ainda, em comum acordo com Heisenberg, Brillouin (1959), Santos (2008) e os autores

Wynn e Wiggins (2002) ao observarem o Modelo Atômico da Mecânica Quântica, o qual foi desenvolvido e estudado por muitos físicos ao longo de várias décadas, inferem sobre as probabilidades, em vez de localizações específicas dos elétrons. Os mesmos (2002) sugerem que visualizemos uma região dentro da qual algo tem uma alta probabilidade de ser encontrado.

Assim, observamos que até mesmo os modelos atômicos são regidos por probabilidades, ao invés de certezas. Esteves de Vasconcellos (2002) também foi ao encontro de tais pensamentos ao sustentar a “impossibilidade de termos um conhecimento objetivo também do mundo físico, ou seja, o problema do observador não se limita às ciências humanas” (p. 133). Desta forma, evidencia-se que não somente as ciências humanas encontram dificuldades em atingir a objetividade, isto é, a própria ciência, mesmo que tida como exata, tem problemas com a falta de cientificidade.

O fato é que consideramos que faltar cientificidade seja uma perda, um erro. No entanto, e se fosse ao contrário? E se faltar cientificidade representar um ganho? E se considerarmos a intuição, a inspiração, o saber do corpo, bem como o não saber enquanto possíveis de gerar bônus à sabedoria? Alves (2011) nos conta um segredo:

Não sei explicar como as ideias chegaram até mim. Isso é inspiração. Mas essa palavra não é permitida na linguagem da ciência. O cientista tem de prestar contas do caminho que seguiu até a ideia que está exibindo. Ou seja: ele tem de explicar o método... para que ela possa ser testada. ... Mas não há formas de se ensinar a inspiração. Ela vem quando quer...

Sob tal perspectiva, sabedoria difere de conhecimento. Alves (2011) esclarece que “os conhecimentos nos dão meios para viver. A sabedoria nos dá razões para viver. Sábias são as pessoas que sabem viver” (p. 69). De acordo com autor (2011):

Sabedoria: não pode ser pescada com as redes que a ciência lança sobre o mundo porque não é lá que ela mora. Ela mora no corpo. Não vem de fora, porque não se trata de um saber sobre o mundo. Brota de dentro - como se fosse uma fonte -, é o saber sem palavras do corpo sobre o seu próprio destino. O nenezinho, sem saber, já sabe a razão de sua vida. A sabedoria é o corpo dizendo para si mesmo as suas razões para viver.

Após discorrer acerca da intersubjetividade, ou seja, da reunião de ideias subjetivas (individuais), as quais interferem no objeto de estudo, há a questão da objetividade que “já vinha incomodando e sendo objeto de discussão na filosofia há muitos séculos” (VASCONCELLOS, 2002, p. 130) e através dos estudos das partículas quânticas, os físicos concluíram suas reais

limitações, como também puderam assegurar que “ao observar o elétron, seu ato de observação estava influenciando o que eles viam” (VASCONCELLOS, 2002, p. 133). Assim, podemos relacionar tal fenômeno com a inexistência de neutralidade dos sujeitos pesquisadores e seres/objetos pesquisados.

Segundo Vasconcellos (2002), “a partir do momento em que o observador começa a observar um sistema, cria-se instantaneamente um sistema que integrará a ambos e em que o observador se observará observando”, ou seja, “sua relação com o sistema que ele observa será também objeto de observação” (p. 143). Alves (2011) escreveu que “ao ver, o visto passa a ser parte de mim” (p. 40). A partir disso, estudiosos defendem a possibilidade de inferir que há uma falha no pensamento moderno marcado pela dicotomia observador/observado ou sujeito/objeto, uma vez que ambos estão interligados e mesclados.

Tal pensamento nos remete filosoficamente a uma das premissas desenvolvidas por Santos (2008) de que “todo o conhecimento é autoconhecimento” (p. 80). Reflete o autor (2008), ademais, acerca do caráter autobiográfico da ciência quando sublinha que “este saber (autobiográfico), suspeitado ou insuspeitado, corre hoje subterraneamente, clandestinamente, nos não-ditos dos nossos trabalhos científicos” (p. 85).

Segundo o panorama argumentativo apresentado, o observador faz parte do que é observado, ou seja, faz parte do Universo e conhecê-lo é conhecer-se, e vice-versa. Santos (2008) salienta ao tecer a seguinte analogia: “É como se o homem e a mulher se tivessem lançado na aventura de conhecer os objectos mais distantes e diferentes de si próprios, para, uma vez aí chegados, se descobrirem reflectidos como num espelho” (p. 62). Igualmente Vasconcellos (2002) compartilha sua reflexão:

Os trabalhos de Foerster vieram mostrar que não há como pensar o observador não fazendo parte do sistema que ele observa, ou seja, que o observador é sempre parte do sistema com que trabalha. (...) Estará atuando nesse espaço de intersubjetividade.

E é nesse espaço de intersubjetividade que nasce, espontaneamente, a arte, pois fazer ciência é arte também - toda criação humana, sendo subjetiva, é artística. Já dizia Santos (2008) que no paradigma emergente a criação científica

assume-se como próxima da criação literária ou artística, porque a semelhança destas pretende que a dimensão activa da transformação do real (o escultor a trabalhar a pedra) seja subordinada à contemplação do resultado (a obra de arte).

Ao se tratar de um paradigma emergente que pensa assim, há de se haver um paradigma dominante a que ele se sobrepõe. Este segundo, enraizado na nossa sociedade, considera em excesso a ciência moderna. E como consequência, prioriza a busca incessante pela verdade, precisão e objetividade ainda que já possamos inferir acerca da intersubjetividade, das incertezas, dos limites e das probabilidades. A partir disso, percebemos que criamos em nossas mentes, ilusoriamente, paradigmas que são concorrentes e antagônicos, quando na verdade, ambos podem coexistir e se integrar a uma verdade maior, uma vez que buscar a verdade e a mensuração é necessário, mas esta busca não pode ser a única necessidade do homem. É necessário que o homem as busque, mas que vá além de um paradigma dominante, atingindo assim o paradigma emergente, pois só assim, o ser humano se sentirá integral e realizado.

Nesta perspectiva, o paradigma dominante abarca a tentativa de fragmentar os saberes e os estudos ao valorizar a simplicidade. Além disso, considera os fenômenos como previsíveis e integrantes de uma ordem e estabilidade, e por último, todas as pesquisas são feitas sob rigor e objetividade metodológica. Em suma, os pilares deste pensamento são a previsibilidade, a objetividade, a estabilidade e a simplicidade.

Através das descobertas de alguns pesquisadores, podemos chegar a um simples pensamento crítico que talvez outros autores já tenham chegado. Tal pensamento reflete a incoerência da forma de ser e pensar exclusivamente pautada no paradigma dominante e na Escola Positivista de Auguste Comte. Tal escola influenciou inúmeros pensadores ao tentar criar um sistema sem a presença da subjetividade, quesito na qual falha, dado que os pesquisadores selecionam seus objetos de estudo e, assim, realizam um ato subjetivo – por mais criteriosa que seja esta seleção. Tal escola prega também a estabilidade, a ordem e a disciplina, mas também falha nesta premissa, uma vez que Charles Darwin revoluciona com sua teoria da evolução das espécies ao demonstrar a instabilidade, o progresso e o devir. Tal escola defende também a simplicidade e a parcelização, isto é, reduzir os conhecimentos em parcelas, como se o estudo das gotas pudesse satisfazer a ideia de oceano. Assim, falha novamente, pois cientistas e autores discursam e refletem as consequências e os possíveis males do reducionismo devido à complexidade do conhecimento, uma vez que não se pode reduzir uma sinfonia a um pequeno agregado de notas e supor que é a mesma coisa.

A ciência moderna positivista é criticada também por Santos (2008) ao afirmar que esta gera um conhecimento que “ganha em rigor o que perde em riqueza”, “esconde os limites da nossa compreensão do mundo” e gera efeitos negativos com a “excessiva parcelização e disciplinarização do saber científico que faz do cientista um ignorante especializado” (p. 74). Assim, o presente estudo defende que a parcelização e a disciplinarização são necessárias, porém em medidas equilibradas.

Santos (2008) explica que “a ciência moderna legou-nos um conhecimento funcional do

mundo que alargou extraordinariamente as nossas perspectivas de sobrevivência. Hoje não se trata tanto de sobreviver como de saber viver”. Entretanto, “para isso é necessária uma outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos” (p. 85).

Podemos interpretar, portanto, que o objetivo e o desafio do paradigma emergente é saber conciliar-se com a ciência e usá-la ao nosso favor, em prol de nosso crescimento. Isso indica que os conhecimentos sozinhos são frágeis e por isso, quando integrados há maiores possibilidades de compreender e abarcar perspectivas plurais. Assim, há uma necessidade de se tentar conciliar os paradigmas emergente e dominante, já que “sabemos hoje que a ciência moderna (sozinha) nos ensina pouco sobre a nossa maneira de estar no mundo” (SANTOS, 2008, p. 88). Em sintonia, Alves (2011) confessa:

Respeito as descobertas provisórias da ciência médica. Sem elas, eu já estaria morto. Mas não desprezo intuições de outras tradições que nos ajudam a compreender o mistério humano. Porque nós, humanos, não somos apenas matéria. Somos poesia. A poesia nos move.

A respeito de buscar maior clareza acerca dos fenômenos e usar a ciência a nosso favor, Santos (2008) defende que “todo o conhecimento científico visa constituir-se em senso comum” (p. 88). Isso implica na tentativa de o conhecimento científico ensinar a viver e traduzir-se num saber prático facilitando, assim, o acesso a tais saberes e descobertas.

Ademais, a cada dia é mais perceptível que as ciências modernas e o paradigma dominante enquanto sozinhos carregam consigo certas fragilidades e inocências, além de produzir conhecimentos e desconhecimentos. Na tentativa de superar tais dificuldades, a todo instante emergem novos pensamentos, probabilidades, objetivos, reflexões e hipóteses, ocorrendo assim, uma transição para o paradigma emergente

Nessa tessitura, a evolução não consiste numa simples remoção do paradigma dominante para a presença do paradigma emergente, mas a sua conciliação, já que ambos sozinhos, fracos serão. E, não é inteligente de nossa parte descartar as ajudas empíricas e matemáticas de mensuração e previsão, como também não é inteligente de nossa parte considerar apenas a complexidade, intersubjetividade e imprevisibilidade dos fatos, pois é certo que o ser humano necessita dos números e de sua objetividade, assim como necessita se desprender dos mesmos, ora ou outra. Desse modo, o objetivo do trabalho é defender que após e durante a transição, é necessária uma integração dos paradigmas.

Santos (2008) defende a transição como também a transgressão ao escrever que “um

conhecimento deste tipo é relativamente imetódico, constitui-se a partir de uma pluralidade metodológica” (p. 77). Nessa perspectiva, “cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua em que é perguntada. Só uma constelação de métodos pode captar o silêncio que persiste entre cada língua que pergunta”. Portanto, “numa fase de revolução científica como a que atravessamos, essa pluralidade de métodos só é possível mediante transgressão metodológica” (p. 77-78).

O autor (2008) destaca que “no paradigma emergente o conhecimento é total, tem como horizonte a totalidade universal de que fala Wigner ou a totalidade indivisa de que fala Bohm” (p. 76) ou como sintetiza Capra (1996) ao cunhar o termo “Teia da Vida”. Portanto, “o conhecimento pós-moderno, sendo total, não é determinístico”, ao contrário, “é um conhecimento sobre as condições de possibilidade” (p. 77).

Concomitantemente, Vasconcellos (2002) resume que o paradigma emergente é, basicamente, a mudança da primazia da objetividade, estabilidade e simplicidade para a intersubjetividade, instabilidade e complexidade.

Diante o exposto, percebemos que o paradigma que emerge é fruto da crise da ciência moderna a qual não conseguiu explicar sozinha a realidade e teve, portanto, seu conhecimento científico questionado. A partir dessa nova perspectiva objetivamos ampliar e legitimar o conhecimento esquecendo que a vida é uma engrenagem e representando-a tal qual uma teia de aranha feita de sistemas de sistemas.

Capra (1996) e Vasconcellos (2002) defendem a ideia de que tudo está conectado, indo assim, na contramão das separações de fatos e fenômenos ao romper com o pensamento de René Descartes e Isaac Newton e buscar modelos alternativos, aceitar múltiplas verdades e fazer conexões ecossistêmicas.

Desse modo, a ciência novo-paradigmática sente a urgência e a necessidade de ampliar, mergulhar e permitir-se ver de modos diferentes, mais profundos e inter-relacionados. Pede-nos novas lentes, assim como uma revisão de posicionamentos e flexibilidade para novas vestes e valores, além de um salto para a realidade, evitando, assim, repetições e vícios de pensamento.

Alves (2011) sugere:

Bernardo Soares escreveu que nosso problema está em nossa incapacidade de desembarcar de nós mesmos. É inútil ir até a China se não saímos da bolha onde vivemos. Tudo o que virmos e pensarmos nessa viagem será uma repetição da nossa mesmice.

Após a apresentação, é necessário que conscientizemos que a nova paradigmática é

postulada e fundamentada em princípios, descobertas e golpes de genialidade como os de Albert Einstein (1918) com sua Teoria da Relatividade, Kurt Gödel (1931) com seu Teorema da Incompletude, Ilya Prigogine (2002) com seu Princípio da Ordem através de flutuações e do caos, Karl Popper (2007) com seu Princípio da Falsificabilidade, entre outros.

Através da perspectiva de Santos (2008), podemos refletir que

a ciência moderna não é a única explicação possível da realidade e não há sequer qualquer razão científica para a considerar melhor que as explicações alternativas da metafísica, da astrologia, da religião, da arte ou da poesia. A razão por que privilegiamos hoje uma forma de conhecimento assente na previsão e no controle dos fenômenos nada tem de científico. É um juízo de valor.

Em pleno século XXI ainda não valorizamos devidamente os saberes contidos sutilmente nas poesias, nas artes, na astrologia, no ocultismo, nas religiões, na física quântica, entre tantos outros conhecimentos repletos de múltiplas verdades e infinitas possibilidades, as quais carregam algo de nossa própria essência. Entretanto, é justamente isso que falta para o nosso despertar espiritual e nos aproximar da totalidade humana.

Baseado, assim, nestes autores, podemos dizer que não há mais motivos para o conhecimento que se almeja científico fechar as portas a muitos outros saberes sobre o mundo. Por isso, faz-se necessário que cada conhecimento se coloque em seu lugar, posicione-se e relacione-se uns com os outros, pois todos são de extrema valia.

Nesta perspectiva, podemos inferir que é desencantado o conhecimento científico que se endurece e não permite os movimentos inerentes da vida. Mas, a partir do momento em que este leva em consideração a flexibilidade, as possibilidades e a união com outros saberes, torna-se poético, ou seja, criativo e por isso, mais real e menos ilusório. Igualmente, Santos (2008) afirma que o saber emergente é criativo, fascinante e plural.

Colocadas todas estas ideias, surgem algumas questões fundamentais: será que sabemos sobre os frutos que o conhecimento pode gerar e germinar? Será que sabemos sobre os frutos que os saberes conectados podem nos proporcionar? Somos conscientes de nosso desconhecimento, limitações, certezas incertas e probabilidades? Valorizamos a poesia, a arte, a intuição, a crença, a sensação e o tido como não científico? Será que sabemos que somos hiatos do que somos e do que sabemos que somos? Temos consciência e percepção do exposto? Aliás, compreendemos quais as consequências do desconhecimento? Talvez já tenha ficado para trás o ensinar e o aprender e hoje se necessite (des)ensinar, (des)aprender. (Des)ensinar e (des)aprender comportamentos e pensamentos enraizados e engessados para deixarmos para trás alguns valores que não nos vestem

mais para, quem sabe, alcançarmos novos pontos de vista e perspectivas, e enfim, transformar-nos ao nosso bel prazer conscientemente.

Alves (2011) poetiza sobre a esperança de renovar e transformar:

Metamorfoses... Acontecem sempre de repente - e, embora não pareça, somos nós, seres humanos, aqueles que passam por elas com mais facilidade. Nossos corpos são mais leves que os corpos dos animais. É que nossas cascas, diferentes das dos animais, são feitas com palavras, carne e palavras misturadas. Basta que as palavras se alterem para que o corpo se metamorfoseie num outro.

Talvez seja hora de voltar a acreditar esperançosamente em utopias, para que elas nos movam. E, assim, acreditarmos em uma nova ciência, uma nova clínica, um novo escritório, um novo hospital, uma nova casa, novas instituições, enfim, um novo mundo e um novo ser humano, bem como uma nova academia em que sejam todos constituídos de probabilidades, criatividade, transgressões epistêmicas, descobertas, reflexões e questionamentos.

Há, portanto, sempre a possibilidade de ser necessário conhecer mais do mundo e de si mesmo, abrir portas, pisar no desconhecido e reconhecer outras explicações. Pois, embora a ciência e a racionalidade sejam fundamentais ao ser humano, infelizmente, ambas não respondem a todas as perguntas e não aliviam todas as curiosidades, as ansiedades e as angústias humanas. Há mais no mundo. Há fenômenos inexplicáveis e quase indizíveis. Portanto, há de se ter prudência ao legar todas as soluções da existência ao nosso complexo e limitado cérebro humano. William Shakespeare (1987) sentiu e escreveu: “há mais coisas entre o céu e a terra, Horácio, do que sonha a nossa vã filosofia” (p. 44).

Talvez também já tenha ficado para trás a excessiva racionalização e agora o ser humano necessita acolher suas experiências e sensações, permitindo-se vivenciar outros saberes e sabores. Entrar em portas distintas, conhecer as limitações, desconhecer algumas janelas e ser acolhido pela integração de paradigmas dominante e emergente a fim de evitar ser menos humano; evitar ser menos toque, olhos, paladar, ouvidos, isto é, menos sensação, intuição, percepção, como também menos alma, uma vez que o mundo lá fora é demasiado apressado para que consigamos sentir a multiplicidade de verdades, reconhecer as probabilidades, acolher tudo o que vive e reverbera em nosso âmago. E assim, ser de fato flexível, aberto ao possível e impossível, integral, múltiplo, criativo, e ser, uma vez mais, probabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio a todas as possibilidades apresentadas no decorrer deste artigo, pode-se salientar que somos a necessidade de mensuração, precisão e objetividade. Somos a ciência, a filosofia e a poesia, como também o conhecimento e o desconhecimento, as explicações e os silêncios. Somos a visão obsoleta de mundo e a perspectiva emergente, a física quântica, a teia da vida, a conexão, os sistemas de sistemas e a integração dos pensamentos e paradigmas. Somos a rigidez e a flexibilidade, a transgressão.

Somos a complexidade e a simplicidade, a instabilidade e a estabilidade, a intersubjetividade e a objetividade, a multiplicidade e a unidade. Somos também as probabilidades, o devir e seremos eternamente as possibilidades infinitas. Somos seres de poesia e prosa, arte e ciência, filosofia e misticismo. Somos multidimensionais, múltiplos, integrais. Somos muitos. Somos vários.

Portanto, somos as portas abertas, semi abertas e fechadas, os fenômenos estranhos e irreais. Somos a ousadia, a coragem, a curiosidade e o vazio existencial, como também as indagações, as percepções e os sentidos de vida a serem encontrados em diversos saberes e sabores. Somos o corpo atrelado à sabedoria, e muitas vezes, o corpo corrompido pelo conhecimento. Somos o não saber e o saber sem saber, bem como o saber eterno, compartilhado, herdado e sensível. Somos uma consciência cósmica. Somos todos um através da integração dos paradigmas aparentemente opostos. Somos o despertar de uma nova geração. Somos uma aposta. A aposta do inusitado, do novo, da tentativa de se buscar caminhos distintos. Somos uma utopia.

E para sermos, de fato, o despertar de uma nova geração, precisamos despertar. Precisamos não de novos olhos, bocas, narizes, enfim, novos corpos, mas de usar o que já temos em nós mesmos. Já carregamos tudo dentro de nossos bolsos internos. Precisamos usar o nosso manancial de sabedoria que está latente e clamando por atenção desde o início dos tempos para atingirmos novas perspectivas, possibilidades infinitas e sermos tudo o que nos é permitido ser.

Sendo uma utopia há sempre a possibilidade de chegarmos a uma Psicologia das Possibilidades, um Direito das Possibilidades, uma Medicina das Possibilidades, uma Letras das Possibilidades, entre outros, bem como a uma ciência das possibilidades, a um hospital das possibilidades, a uma clínica das possibilidades, a uma academia das possibilidades, a uma religião das possibilidades, entre tantas outras instituições, e sermos mais humanos e conscientes, considerando a relevância de tal tema para a formação pessoal e profissional de diversos profissionais. Para quem sabe, sermos um ser probabilidades.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **Ostra feliz não faz pérola**. São Paulo: Editora Planeta, 2008.

ALVES, R. **Variações sobre o prazer: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette**. São Paulo: Editora Planeta, 2011.

BRILLOUIN, L. **La Science et la Theorie do i'Information**. Paris: Masson, 1959.

CAPRA, F. **A teia da vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

EINSTEIN, A. **Der Energiesatz in der allgemeinen Relativitätstheorie**. Preussische Akademie der Wissenschaften: Sitzungsberichte, 1918.

GÖDEL, K. F. **Über formal unentscheidbare Sätze der Principia Mathematica und verwandter Systeme, I**. Monatshefte für Mathematik und Physik 38: 173-98, 1931.

POPPER, K. **A Lógica da Pesquisa Científica**. São Paulo: Cultrix, 2007.

PRIGOGINE, I. **As Leis de Caos**. São Paulo: UNESP, 2002.

SAINT-EXUPÉRY, A. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1981.

SANTOS, B. S. **Um Discurso sobre as Ciências**. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

WYNN, C. M.; WIGGINS, A. W. **Cinco Maiores Ideias da Ciência**. São Paulo: Editora Ediouro, 2002.

SHAKESPEARE, W. **Hamlet**. London: Longman, 1987.

VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento Sistêmico: O novo paradigma da ciência**. São Paulo: Papirus, 2002.